

Não é só Matchedje que se vê humilhado...

— Tenente-Coronel Cara-Alegre Tembe ao “Domingo” 10/7/68
por Salvador Raimundo

A propósito do já alcunhado caso FMF-Matchedje, a Reportagem do “Domingo” dialogou com o Presidente do clube militar, o Tenente-Coronel Antônio Rufino Cara-Alegre Tembe, agora na reserva.

É muito bom quando alguém nos contacta. O senhor é o primeiro... Consultas de um só lado só originam que as pessoas só vejam a panela de fora. Desta forma, as pessoas poderão ver o seu conteúdo — começou por dizer aquele dirigente desportivo.

Depois de descrever o que, segundo ele, se passou no interior das quatro linhas, no jogo da bronca, Cara-Alegre afirmou não ter havido nenhuma agressão ao juiz da partida, acrescentando que o capitão Nacir apazigou a situação.

Durante o diálogo entre o árbitro e o juiz de linha, Nacir ficou de longe. Julgamos que o árbitro, ao tomar aquela decisão, estava consciente das suas acções, até porque casos idênticos têm acontecido. O árbitro tinha que corrigir o erro de visão que cometera. Quando assim acontece, a decisão depende do árbitro, e Pascoal Rungo mandou executar pentapé-de-saída. Isso não constitui nenhum erro. — enfatizou Cara-Alegre, que acrescentou: para nós a punição do árbitro não tem cabimento. Mas isso é com eles.

Segundo o nosso entrevistado, findo o desafio, a equipa de arbitragem foi agredida, à saída do túnel, pelos adeptos do Ferroviário, e foi necessária a intervenção do delegado ao jogo, que solicitou a acção da polícia.

As 20 horas do mesmo dia, o árbitro elaborou o relatório de ocorrências onde não faz menção ao Matchedje, declarou aquele dirigente militar.

AS VEZES E PRECISO CORAGEM...

No dia seguinte, — prosseguiu Cara-Alegre Tembe — convocou-se o Conselho da Comissão Nacional de Árbitros de Futebol, para analisar o procedimento do árbitro, obrigando-o a tomar uma decisão. Ele tinha que ter mostrado o cartão amarelo, ou vermelho, caso concluisse que houvesse irregularidade por parte dos meus jogadores. Se não teve coragem nessa ocasião, ele teria mencionado isso no primeiro relatório que fez, certamente com mais calma e sem pressão de ninguém. Ou será que esteve alguém a ameaçá-lo?

Como consequência desse encontro, nomeou-se uma comissão de inquérito para investigar o comportamento do árbitro, nesse desafio. Nós acompanhávamos tudo, em todos os encontros, mas não queríamos rebentar o furúnculo; às vezes o furúnculo só dói quando a gente expreme, e não com maldade. Quando se expreme é preciso ter coragem e vontade, referiu. Mais adiante, o nosso interlocu-



Palavras do nosso entrevistado: «A nossa posição foi para exigir uma reflexão»

tor disse que por vezes têm aparecido especulações nos jornais, antes mesmo da distribuição dos comunicados oficiais. Após a saída do Comunicado Oficial, reunimos todos os dados e concluímos, num encontro de Direcção, que o assunto afectou o campo político e deixou o desportivo. Vimos que ninguém quis averiguar os factos. Há gente que diz que o Matchedje devia jogar nos quartéis... no mato.

Com base nisso, enviámos o relatório e pedimos um encontro com a Federação para, nessa ocasião, apresentarmos o comunicado em mão, isto para que os dirigentes federativos não ficassem surpreendidos com a nossa decisão, uma vez que achamos que aquela entidade tomou uma atitude humilhante. Uma decisão prematura. O Matchedje não tem maturidade desportiva, dizem. Foi uma posição de força, para exigir uma reflexão, porque o que estava em causa era a nossa moral... afirmou.

O Tenente-Coronel Cara-Alegre Tembe frisou, ainda, que burro é aquele animal fiel ao seu dono. Respeitoso, que tem personalidade. Paciente. Consciente de que faz aquilo por respeito ao seu dono,

e quando ele chega à conclusão de que o seu dono abusa, é quando ele se revolta.

AGUARDAMOS A ÚLTIMA DECISÃO...

Voltando ao fio da meada, o nosso entrevistado disse que os encontros (tanto com a Federação, como o que foi realizado com a Secretaria de Estado de Educação Física e Desportos, constituíram momentos de polémica entre eles próprios. Com que base a Federação de Futebol tomou a decisão de punir, por duas vezes, o Matchedje?

Tivemos conhecimento de que o delegado ao jogo foi quem elaborou a lista dos jogadores punidos, e que tinha chegado a comentar com alguns jornalistas. Os jornalistas não mentiram, disseram a realidade, afirmou Cara-Alegre Tembe.

A força que houve para a elaboração do aditamento — adiantou — não é produto de uma consciência fresca. Aguardamos a última decisão. Se for necessário pôr mais lenha, teremos que o fazer. Eles não trabalham com respeito e idoneidade. Por isso é que nos interrogamos: depois do campo, por que não ficou com os cartões dos jogadores? Teve medo? Terá o delegado do Matchedje obrigado o árbitro a escrever aquilo que vem no boletim de jogo? Se tudo foi fruto de ameaças, em que circunstâncias se elabora o relatório? Esqueceu-se de mencionar alguns factos? Só se lembrou das agressões de que foi alvo por parte dos adeptos do Ferroviário? Com que força moral elabora o aditamento? Onde está a razão da punição do Matchedje?

A FALTA DE COMPARENCIA

Em relação à falta de comparencia averbada à sua equipa no jogo que devia realizar frente ao Maxaquene, o nosso entrevistado disse:

No encontro com a Federação, colocámos a questão do jogo frente ao Maxaquene, que estava marcado para o dia seguinte, e dissemos que já tínhamos tomado a decisão do abandono, em menos de 48 horas, isto porque tínhamos sido surpreendidos pelo Comunicado Oficial.

Por outro lado, medimos a tensão que pairava entre os nossos adeptos, e a oportunidade que certos indivíduos teriam com vista a prejudicar a imagem do Matchedje. O desafio estava programado para o período da noite, e a segurança era duvidosa. Também fomos pressionados pelos nossos adeptos, que queriam que enfrentássemos a Federação perante a situação acabada de surgir. Por um simples erro do árbitro, poder-se-ia julgar o seu trabalho tendencioso.

A tensão dos nossos adeptos estava muito forte. Entretanto, nesse encontro, prometemos à Federação uma resposta até às doze horas do dia seguinte, se iríamos jogar frente ao Maxaquene ou não. Manuel Jorge, Presidente da Federação colocou a questão dos Polícias Militares, e nós não nos comprometemos em nada.

Acontece, porém, que às 19 horas do dia marcado para o desafio com os jogadores já equipados e prontos a deslocarem-se ao campo, verificámos que o ambiente entre os adeptos continuava tenso, e optámos por não ir ao jogo para evitar a acusação de termos organizado distúrbios.

O REGRESSO AS COMPETIÇÕES...

Parafraseando o nosso interlocutor, analisada a situação do dia 25 de Junho, concluímos que não é somente o Matchedje que tem sido humilhado. Tivemos a coragem de avançar, pensando naquilo que somos. Entendemos que o 25 de Junho deve ser festejado por todos os moçambicanos. Não havia razão de privar os nossos jogadores de o fazer. A força que nos levou a regressar às competições foi o 25 de Junho. E na reunião do dia 23 de Junho em que esteve

presente Sua Excelência o Ministro da Defesa Nacional e outros quadros máximos do Ministério da Defesa, para além dos jogadores e treinadores, foi analisada a situação e, em consenso, decidimos regressar — frisou Cara-Alegre.

A presença do Ministro da Defesa não foi para obrigar o Matchedje, nem para revogar, mas sim estudarmos, analisarmos e tirarmos juntos, as conclusões. Retirando-nos das competições estaríamos a trair o espírito do 25 de Junho e a honra que nos atribui esta data, adiantou.

O ÓDIO MANIFESTA-SE DE VÁRIAS MANEIRAS

Perguntámos ao presidente do clube militar se o comportamento do Matchedje não será reflexo daquilo que se tem passado nas províncias:

O problema é que essa atitude da Federação é o consumir do mau espírito que as pessoas têm contra o Matchedje porque, segundo elas, devíamos jogar nos quartéis. E conseguiu-se mentalizar as pessoas de que o Matchedje é mau. Devemos saber que não temos apenas adversários, mas também inimigos. Somos do desporto, mas também representamos as Forças Armadas, e o desporto é cultura, e a batalha de classe, nessa frente, ainda não atingiu o seu ponto fulcral.

Se dissemos que temos inimigos apenas no campo de batalha, se dissemos que temos inimigos no campo cultural e não no desportivo, estamos errados. E esse ódio manifesta-se de várias maneiras. As pessoas chegam a dizer que o Matchedje nas províncias, recruta jogadores. Um erro do momento, calibre pode ser cometido por outros clubes, e quando isso acontece, evocam-se questões filosóficas, humanitárias. Mas quando é o Matchedje, este é arrogante, antipatriótico. Agora somos antipatrióticos? Arrogantes? Então foi com essa arrogância que vencemos o colonialismo.

O Tenente-Coronel Cara-Alegre Tembe fez questão de afirmar que o seu clube não tem nenhuma contradição com o árbitro Gil Milando, simplesmente porque não foi às Maurícias. Este facto deveu-se, segundo o nosso entrevistado,



«Dizem que o Matchedje não tem maturidade desportiva»

presente Sua Excelência o Ministro da Defesa Nacional e outros quadros máximos do Ministério da Defesa, para além dos jogadores e treinadores, foi analisada a situação e, em consenso, decidimos regressar — frisou Cara-Alegre.

A presença do Ministro da Defesa não foi para obrigar o Matchedje, nem para revogar, mas sim estudarmos, analisarmos e tirarmos juntos, as conclusões. Retirando-nos das competições estaríamos a trair o espírito do 25 de Junho e a honra que nos atribui esta data, adiantou.

Falando da punição que a Fede-

a se ter recebido a orientação de se arranjar alguém ligado ao Ministério da Defesa. Como fosse da logística, optou-se por levar Garincha, em detrimento (não propostado) de Gil Milando. É possível que ele não tenha sido bem escolhido quando foi a nossa sede proceder ao levantamento do passaporte, disse, a finalizar.

N.R. — A data em que esta entrevista foi feita, ainda não tinha vindo a lume a decisão do Conselho Jurisdicional da FMF de considerar improcedente o recurso interposto pelo Matchedje.



Tenente-Coronel Cara-Alegre: — «Há gente que diz que o Matchedje devia jogar nos quartéis... no mato»